



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Emília Carolina Gomes Oliveira

CASA-MUSEU: UM LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NO TINGUI,  
ÁGUA BRANCA/AL

Delmiro Gouveia – 2020

Emília Carolina Gomes Oliveira

CASA-MUSEU: UM LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NO TINGUI,  
ÁGUA BRANCA/AL

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História, apresentado a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Ma. Sheyla Farias Silva

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/2063

O48c Oliveira, Emília Carolina Gomes

Casa-Museu: um lugar de memória e representatividade no  
Tingui, Água Branca/AL / Emília Carolina Gomes Oliveira. – 2020.  
72 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.  
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de  
Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Casa-Museu. 2. Cultura e identidade. 3. Memória. 4. Povoados  
Tingui. I. Título.

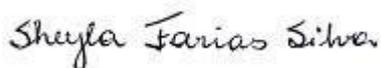
CDU: 981(813.5)

Folha de Aprovação

Autor: Emília Carolina Gomes Oliveira

CASA-MUSEU: UM LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NO TINGUI,  
ÁGUA BRANCA/AL

Trabalho de conclusão de curso de licenciatura  
plena em História, submetida ao corpo docente  
da Universidade Federal de Alagoas – Campus  
do Sertão e aprovada em 04/08/2020  
Orientadora: Prof. Ma. Sheyla Farias Silva

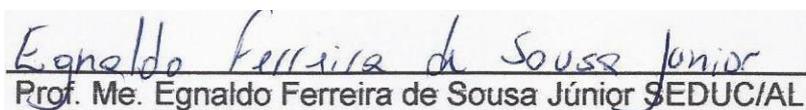


Prof. Ma. Sheyla Farias Silva (Orientadora)

**Banca Examinadora:**



Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida UFAL - (Examinador Interno)



Prof. Me. Egnaldo Ferreira de Sousa Júnior SEDUC/AL

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, Benedito e Maristela, por tudo o que fizeram e fazem por mim, por todo empenho dedicado à minha educação e formação, sempre incentivando meus estudos, o que foi importante para que eu chegasse até aqui. Aos meus irmãos, Bruno, Bráulio e Estevão, por serem meu exemplo de determinação, por sempre acreditar no meu crescimento pessoal, por todo cuidado e respeito que sempre tiveram comigo, por toda paciência. Aqui destaco o meu irmão mais velho, Bruno, por ter me acolhido em sua residência, nesses anos de caminhada acadêmica, por toda compreensão e ajuda.

Agradeço a toda minha família, em especial, minha vó Joaquina e meu avô Gonçalo, que com suas sabedorias, sempre compartilharam e compartilham de suas histórias de vida, no qual tanto me inspirou e me inspira. Aqui, destaco, minha tia Diva, Edvaldo, Ester e Isabela, pelo acolhimento nos anos de ensino médio e por terem me dado a chance de trilhar novas experiências.

Agradeço aos meus amigos queridos, àqueles que, de uma forma ou de outra estiveram presentes e me incentivaram, Wedna, Juliane, Eraldo, a minha amiga/irmã Mayhara, e a minha amiga Samyres, pela amizade de tantos anos, pela troca de experiências, por todo apoio e carinho. Agradeço também, ao meu namorado André, pelo companheirismo, incentivo e amor, por estar sempre ao meu lado. Aos meus companheiros (as) de turma, Vitória, Aline, Luciana, Gigliane, Fabiana, Chirlei, Andressa, Marcos, Cristiane, e demais, por toda persistência e luta, por todos os momentos compartilhados, por nunca desistirem e seguirem firmes, os tenho como exemplo.

Ao Paulo Oliveira, por toda ajuda e comprometimento, pela disponibilidade em contribuir e por confiar nesta pesquisa, e aos demais moradores entrevistados do Povoado Tingui, por toda contribuição prestada, os meus mais sinceros agradecimentos. Agradeço também, a mestre e orientadora, Sheyla Farias Silva, por toda contribuição em suas aulas, por sempre nos trazer tamanho aprendizado. Por também, ter acreditado nesta pesquisa, e por toda ajuda. Por fim, agradeço a Deus, por estar comigo, guiando meus passos.

## **CASA-MUSEU: UM LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NO TINGUI, ÁGUA BRANCA/AL**

Emília Carolina Gomes Oliveira

Orientadora: Prof. Ma. Sheyla Farias Silva

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar as memórias evocadas pela Casa-Museu no Tingui – Povoado do Município Água Branca/AL, apontando suas contribuições e suas relações de pertencimento com a localidade e as contribuições na formação da identidade das pessoas que lá residem ou têm ali suas raízes. A metodologia utilizada nesta pesquisa trata-se da História Oral, por meio de entrevistas com moradores da localidade, sendo estes dados qualitativos, bem como se valendo do procedimento de visita de campo, traduzindo-se na análise dos objetos que são mantidos no mencionado museu, buscando o cotejo das informações colhidas entre os procedimentos metodológicos aludidos no intuito de colher correlações para o enriquecimento da história, além de pesquisas bibliográficas para complementar o presente estudo, principalmente no que concerne às Casas-Museu. Destaca-se que, todo o período da pesquisa, desde o bibliográfico ao trabalho de campo, teve duração de nove meses. Constatamos que esta casa-museu, evoca elementos de suma importância para a preservação da cultura local, além da memória e identidade dos moradores do Tingui e região.

**Palavras-chave:** Casa-Museu. Memória. Cultura e Identidade. Povoado Tingui.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the memories brought by the Casa-Museu (Museum-House) in Tingui, which is located in the municipality of the city of Água Branca. Forthwith, we intend to indicate the belonging relation between the Tingui's locality and the referred museum and the role that it plays on the identity formation of those who live - or have their roots - in this district. In terms of methodology, this research makes use of the Oral History, through interviews with Tingui's residents (qualitative data), as well as field visits procedures consisting on the referred museum's objects analysis, intending to compare/correlate found information and enrich their history. In addition to that, literature reviews were performed to complement this study, especially the literature concerned with Museum-Houses. It stands out that all research period, from the bibliographic to field work, lasted nine months. We found that this Museum-House brings back elements of extreme importance to the local cultural preservation, along with the memories and identity of Tingui's residents.

**Key Words:** House-Museum. Memory. Culture and Identity. Tingui Village.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem de satélite do Tingui .....	13
Figura 2: Casa-Museu no povoado Tingui .....	14
Figura 3: Lançamento do livro “O Grito da Caatinga”, realizado na casa-museu .....	20
Figura 4: Prensa de casa de farinha .....	22
Figura 5: Pote de barro .....	23
Figura 6: Fotografias de entes queridos .....	25
Figura 7: Escultura exposta na casa-museu .....	26

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Entrevista realizada em janeiro de 2020 .....	11
Quadro 2: Entrevista realizada em maio de 2020 .....	12

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CRIAÇÃO DE UMA CASA-MUSEU NO TINGUI.....	12
3 AS MEMÓRIAS DE UM ACERVO .....	21
4 A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	31
APÊNDICES .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se decide investir em cultura em um determinado espaço é importante analisar que alguns fatores são primordiais para que haja uma finalidade no que se pretende alcançar. Ao visitar um museu as pessoas são surpreendidas pela influência que ele as causa e na sociedade, alicerçada numa cultura que demonstra interesse em se perpetuar por meio de memórias e, assim, contribuir na construção da identidade de determinado povo através de suas representações. De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999) quando uma localidade se interessa em entender a dinâmica cultural do seu meio, e busca alternativas positivas para preservar o seu patrimônio, esta exerce, um papel importante, além de contribuir com a identidade.

Diante da importância dos museus, este trabalho propõe analisar as memórias evocadas pela casa-museu, localizada no Povoado Tingui, Município Água Branca/AL, tendo como paradigma as contribuições que seu acervo produz na construção da identidade dos moradores. O interesse na pesquisa surgiu a partir de diversas visitas à casa-museu, bem como pela necessidade de compreender o que este acervo reflete no povoado, tratando-se de um espaço que possibilita o contato com várias narrativas, extraídas a partir da intimidade com as peças, despertando um sentimento de encontro com aqueles que as possuíram.

A metodologia utilizada nesta pesquisa contempla o estudo sobre história oral, importante na produção das entrevistas. Diante disso, Verena Alberti (2005) reforça que a história oral possibilita a compreensão da realidade social dos grupos humanos, através de suas narrativas de vida. Também foi realizada a pesquisa de campo, considerando as peças do acervo como importante fonte para se chegar a um entendimento sobre essas memórias, apoiando-se também no estudo bibliográfico sobre Casa-Museu, refletindo sobre a sua importância na historiografia e como essas instituições são vistas pela sociedade.

As entrevistas<sup>1</sup> foram realizadas com seis residentes do Tingui, bem como com o idealizador da casa-museu, tratando-se de pessoas na faixa etária entre 11 a 70 anos. O quesito para a escolha dos entrevistados partiu de suas interações nas visitas, sendo apresentado um questionário com doze perguntas abertas, estas iguais, oportunidade em que eles puderam explicar seus entendimentos e contribuir a respeito das memórias evocadas pela casa-museu, sendo que, o idealizador explanaria sobre doze perguntas específicas.

---

<sup>1</sup> As entrevistas colacionadas ao presente trabalho fazem parte do procedimento metodológico da História Oral, a qual se fundamenta na coleta de dados por meio da oralidade, transcrição.

Quadro 1: Entrevista realizada em janeiro de 2020

Questionário apresentado aos moradores entrevistados.	Questionário específico para o idealizador da Casa-Museu.
1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?	1) A partir de que momento surgiu essa ideia de criação da casa-museu? Por que criar, qual a finalidade?
2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?	2) Quantos anos tem a casa, a quem ela pertencia?
3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?	3) Como você conseguiu essas peças? Foram compradas, doadas?
4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?	4) O que os moradores do Tingui pensam quando visitam a casa-museu?
5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?	5) No seu entendimento, qual a importância da casa-museu para o povoado Tingui?
6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?	6) Como você se identifica no museu? Curador, agente cultural, administrador.
7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?	7) Você considera o acervo da casa-museu fonte histórica?
8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?	8) Como faz para manter o acervo da casa-museu?
9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?	9) Para você, enquanto idealizador da casa-museu, qual a importância de preservar este espaço?
10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?	10) Para você, por que é importante valorizar a cultura local?
11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui?	11) O senhor disse que a casa-museu ainda não está registrada, como o senhor a referência para seus visitantes?
12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?	12) A partir de que momento você decidiu transformar este espaço doméstico em um espaço público?

Considerando a necessidade de mais dados, foi realizada nova entrevista, com mais seis perguntas para cada entrevistado e sete perguntas para o idealizador, de modo a contemplar a pesquisa, que tem um caráter exploratório, visto que, se embasa na busca de informações. Como mostra o quadro abaixo:

Quadro 2: Entrevista realizada em maio de 2020

Questionário apresentado aos moradores entrevistados.	Questionário específico para o idealizador da Casa-Museu.
1) Por que as peças da casa-museu te representam?	1) Na casa-museu são desenvolvidas atividades culturais visando o público? Se sim, quais?
2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?	2) Para você, quais são as peças que mais representam a cultura local e regional?
3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?	3) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?
4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?	4) O que você tem a dizer sobre o uso da tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?
5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?	5) Como é dividida a estrutura da casa-museu, ela também funciona como local de lazer?
6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?	6) Como foi feita a seleção das peças quando adquiridas, você já sabia o que queria? 7) A casa-museu recebe algum auxílio para manutenção?

Para proceder as entrevistadas, utilizamos o uso da tecnologia, através do gravador de áudio, como importante recurso no procedimento da coleta de dados. Os dois questionários destacados acima, foram escritos manualmente e apresentados aos entrevistados em suas respectivas residências, por meio da oralidade, onde estes tiveram a oportunidade de refletir sobre as perguntas e apontar suas contribuições. Considerando a área de pesquisa, e os recursos utilizados, as entrevistas realizadas em janeiro e maio de 2020, buscam evidenciar as experiências dos entrevistados, a partir do contato com o acervo na Casa-Museu no Tingui, de modo que, juntos assumem um papel construtivo, acerca da representatividade e importância deste espaço cultural no povoado e região. Destacamos que, todo o período da pesquisa, desde o bibliográfico ao trabalho de campo, teve duração de nove meses.

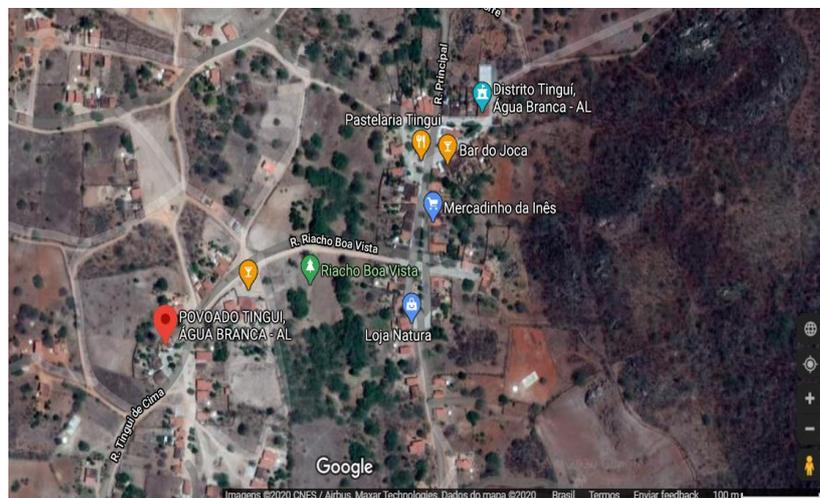
## **2 A CRIAÇÃO DE UMA CASA-MUSEU NO TINGUI**

O Povoado Tingui se encontra localizado no Município Água Branca/AL, e seu desenvolvimento local se dá a partir da agricultura e do trabalho assalariado, que possibilita o sustento das famílias. Considerando os povoados próximos, e o fato de que se encontram ao redor de mata preservada, Oliveira, Amorim e Lemos (2014, p. 153) apontam:

A percepção ambiental dos moradores, em relação ao espaço em que vivem, é bem expressiva, utilizando-se eles dos recursos que a natureza oferece, mas considerando a importância do ambiente em que vivem, estabelecendo um aatilamento ambiental.

Diante das medidas socioambientais para preservação do meio, a relação das famílias locais com a natureza proporcionou uma maior conscientização. No Tingui, portanto, as condições de moradia são favoráveis: a serra do Caraunã contorna a paisagem, distribuindo uma vegetação rica e apreciada (OLIVEIRA; AMORIM; LEMOS, 2014). Logo abaixo destaca-se a localização <sup>2</sup>do povoado Tingui:

FIGURA 1 – Imagem de satélite do Tingui



Fonte: Google Maps

O acesso a localidade, se dá pelas rodovias BR-423, AL-145, e por uma estrada de terra (OLIVEIRA; AMORIM; LEMOS, 2014). Sua gente preserva, por gerações, tradições que vão desde os trabalhos no campo à religiosidade, tratando-se da religião Católica. Essas tradições socioculturais caracterizam uma sociedade em razão de se apresentarem como construtoras de identidades. As práticas desenvolvidas pelos grupos humanos contribuem para sua constante evolução no tempo. Nesse contexto, o historiador José Barros (2005, p. 127) considera que “ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual ou um artesão”, os grupos humanos estão imersos a essa cultura, sendo eles os próprios protagonistas desse cenário cultural.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/POVOADO+TINGUI,+%C3%81GUA+BRANCA++AL/@-9.3438295,-37.8926318,603m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x708dea095ecc335:0xee9580a2f839f9b7!8m2!3d-9.3450046!4d-37.8947346>. Acessado em: 24 de agosto de 2020.

No Tingui, a cultura local, atrelada à trajetória de vida dos moradores, foi ponto de partida para uma implementação que se iniciou em 2012. Paulo Oliveira<sup>3</sup>, qual reside em Delmiro Gouveia/AL, almejava um local para habitação no Tingui, e ao se deparar com uma casa antiga nos limites do mencionado Povoado, viu nesta uma possibilidade de ali encontrar descanso aos finais de semana. Contudo a mencionada casa, já mobiliada, possuía, portanto, materiais antigos, de uma época marcada no compartilhar de experiências, como revelou:

A princípio o objetivo não era criar um museu, eu nem pensava ainda nesta história de museu, mas quando eu cheguei aqui, quando eu adquiri esta casa, que cheguei aqui, que abri as portas e comecei a ver alguns artefatos, utensílios do seu proprietário original, então por ser uma figura muito interessante na comunidade, era um velho amigo, faleceu aos quase cem anos e era amigo de crianças, jovens, adultos contava muita história, eu me senti na obrigação de manter essa história viva. Chamava-se Lúcio Braga esse cidadão (OLIVEIRA, 2020).

Percebe-se que o contato com os utensílios e com a representatividade do antigo morador, fez com que Paulo Oliveira mantivesse a casa e a transformasse em um local dedicado à memória e identidade, buscando reunir materiais que reforçassem o seu valor. Na figura abaixo consta registro fotográfico da casa-museu, localizada no povoado Tingui.

FIGURA 2 – Casa-Museu no povoado Tingui



Foto do acervo pessoal de Emília Carolina Gomes Oliveira. Tingui – Água Branca, 20 de janeiro de 2020.

No registro acima é possível observar a fachada da casa-museu, assim como o espaço em que ela está localizada. Quando a casa foi adquirida, algumas partes do interior já haviam

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Paulo Soares de Oliveira, 64 anos, morou no povoado Tingui até os 22 anos. Atualmente reside e trabalha em Delmiro Gouveia/AL. Graduado em Teologia, pós-graduado em Ecologia Humana e Gestão socioambiental pela UNEB. Entrevista realizada no dia 26 de janeiro de 2020 e autorizada pelo entrevistado.

sido destruídas, contudo, o atual proprietário procurou fazer o máximo para manter a originalidade da casa, e revelou que lamenta ter realizado reforma nesta, mas que agiu mediante o estado precário estrutural em que ela se encontrava:

Eu posso dizer hoje que tenho até uma certa tristeza de ter modificado alguma coisa, porque quando eu cheguei, a casa estava caindo. Tive que alterar algumas coisas, mas eu preservei o que foi possível. Então, a história da residência, da possível residência, um ambiente para o descanso aos fins de semana, passou a ser também algo prazeroso guardar essas antiguidades, e aí me foi surgindo a ideia, fui sendo influenciado a buscar outras peças e hoje nós guardamos um acervo que já se não nos basta, mas conta grande parte da história do nosso povo e a casa Lúcio Braga. Casa-museu Lúcio Braga pra mim é um orgulho, até porque ter conhecido Lúcio Braga só nos enche de orgulho (OLIVEIRA, 2020).

Conforme esse relato, é possível identificar a mudança de planos em relação à casa, assim como os primeiros passos até a criação do museu, com o intuito de valorizar, inicialmente, a história do povo do Tingui, resgatando, portanto, peças sobre sua cultura. Nesse contexto, Barros (2006, p. 474) considera:

Ao se apropriar de determinado espaço e transformá-lo em sua propriedade — seja através de um gesto de posse ou de um ato de compra em um sistema onde as propriedades já estão constituídas — um sujeito humano define ou redefine um território.

Ao territorializar o ambiente, o homem tem o seu domínio, para exercer novas práticas. Na casa-museu no Tingui, a fachada com alpendres contorna sua estrutura, que acompanha um estilo rústico, além da mesma funcionar como habitação, um ambiente acolhedor para o deleite e descanso do proprietário e sua família, o espaço valoriza a cultura das Casas-Museu. Sobre essas instituições, as produções direcionadas ao tema, estão se destacando, mas devido às condições que se encontram muitas dessas casas, acaba levando a uma baixa demanda de material sobre referido assunto (AFONSO; SERRES, 2014), sabendo da sua relevância, pode ser obtido um campo de exploração carregado de expressividade.

A iniciativa de colocar um estabelecimento, que possua uma posição representativa, parte de uma relação afetiva entre este espaço e o lugar que se encontra, como forma de manter a sua importância e possibilitar seu contato a mais pessoas (AFONSO; SERRES, 2014). “Assim a transformação de uma casa moradia em uma casa memória é feita através de sua representatividade e dos valores a ela atribuídos por uma comunidade” (SCARPELINE, 2012, p. 87), o que se aplica, portanto, à casa-museu no Tingui.

O contexto e importância atribuídos a esses espaços domésticos, permite que sejam elevados a uma posição significativa, desempenhando um papel transformador numa sociedade, por aproximar e promover uma conexão com os grupos humanos (SCARPELINE, 2012). Mesmo não sendo registrada é uma casa que tem o objetivo de preservar a história local e regional, recebendo o nome de “Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga”, para ser identificada entre seus visitantes, como relatou Paulo Oliveira (2020):

Olha, mesmo não sendo registrada eu preciso dar nome para que as pessoas guardem a referência da casa-museu e aqui no caso eu intitulei de Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga, porque a gente está guardando aqui com o objetivo de futuramente, com objetivo de ter isso legalmente registrado no órgão competente. Então, se por acaso já estiver uma outra instituição com esse nome, então a gente, é claro, vai ter que modificar. Mas atualmente eu referencio para aqueles que me procuram, que vem aqui como Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga.

É possível perceber que mesmo com a falta de uma documentação, voltada para os cuidados com a casa-museu, ela porta uma nomenclatura não-oficial, para manter a proximidade com as pessoas. Nota-se que essa foi a maneira que o proprietário encontrou para divulgar o espaço. Os demais nomes atribuídos a ela, como “Museu da Caatinga” e “Casa Lúcio Braga”, foram designados pelo contexto que carrega, são nomes simbólicos referenciados por Paulo Oliveira, assim como pelos entrevistados. Como as funções obrigatórias exercidas no espaço são desempenhadas sem documentação, Micheli Afonso e Juliane Serres (2014, p. 3-4) ressaltam:

Uma Casa-Museu não exclui a aplicação de práticas inerentes aos museus tradicionais pelo fato de ter sido originalmente uma residência. Consiste em uma instituição de guarda que no passado abrigou as vivências e lembranças de uma pessoa/família, ou um local que reconstrói estas memórias.

Portanto, nota-se que essas obrigações são partes importantes para o funcionamento desses espaços. Na casa-museu do Tingui não é diferente, onde o proprietário exerce as funções obrigatórias para manutenção do museu, como bem expressou:

Sabemos que a maioria das casas-museu por aí afora tem, de certa forma o subsídio dos poderes públicos, mas a nossa casa-museu ainda não é oficializada e por essa razão eu não posso dispor desse recurso. Portanto, isso não nos impede de mantê-la aberta, até pelo fato do prazer que a gente sente em atrair as pessoas para a história dos antepassados [...] (OLIVEIRA, 2020).

Na ausência de subsídios, o trabalho de gerir o espaço é desempenhado pelo proprietário, que dispõe de recursos próprios para assegurar a casa. Expressa que o objetivo do espaço está além desses detalhes de cunho financeiro, manifestando sua alegria pela presença do público, como se extrai do relato acima. A proposta de criação da casa-museu foi pensada, também, com o intuito de resgatar vestígios materiais utilizados pela cultura local, assim como regional, de maneira que mantivesse suas contribuições no presente.

Nesse contexto, Paul Ricoeur (2007, p. 407) expressa que “é assim que, pouco a pouco, a memória histórica se integra à memória viva”, a memória se enriquece com as vivências do passado, desse modo, ao reunir artefatos na casa, Paulo Oliveira assegurou bens que outrora fizeram parte de uma vida cotidiana, na tentativa de possibilitar às novas gerações o contato com as histórias que esses objetos transmitem, de maneira que elas reflitam sobre o passado ao qual viveram seus antepassados.

Com isso, diante do sentimento transmitido pelo espaço, pela representatividade do primeiro dono e das peças encontradas, o que seria uma pacata moradia, transformou-se em uma casa-museu, espaço que visa preservar a história dessas antigas tradições, através do seu acervo. Contudo, Nanci Correa e Rosana Steinke (2008, p. 8) explicam que “ao trabalhar com a história de uma pequena localidade, é importante que se faça o exercício de reflexão sobre o *modus vivendis*<sup>4</sup> da comunidade em questão”. A partir da análise dos relatos dos entrevistados, foi observado que as tradições sociais vivenciadas no Tingui pelas gerações mais velhas, remete a uma vida baseada nos costumes, nas tradições, em uma vida de muito trabalho, sendo confrontada com uma nova geração na qual a vida comporta novos hábitos.

As mudanças no tempo são constantes, “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACH, 1990, p. 26). Nessa perspectiva, as memórias evocadas por meio do espaço da casa-museu assumem o objetivo de contribuir com a identidade de seu povo, sua história no tempo, assim como o compartilhar de lembranças das pessoas que vão ao encontro deste local.

Ao se deparar com o acervo, os entrevistados e o proprietário da casa-museu demonstraram um sentimento de conexão, onde eles se veem em um diálogo com testemunhas de um passado ali preservado. Percebe-se, que este ambiente possui um referencial informativo

---

<sup>4</sup> Modus vivendis, no sentido utilizado no texto, significa: Maneira de viver; modo de se portar na vida, de conviver, de sobreviver: a modernidade marca grandes transformações no *modus vivendi* do homem, conforme o dicionário virtual de língua portuguesa, mantido no sítio eletrônico no endereço, <https://www.dicio.com.br/modus-vivendi/> Acessado em: 08 de junho de 2020.

importante sobre aquilo que se quer transmitir ao público, buscando introduzir a partir de seu acervo conhecimento sobre a história de determinado objeto com o povoado e região.

Nesse ponto, Edna Alencar (2007, p. 98) reforça que “não existe um grupo social que não tenha qualquer relação com um lugar, com um espaço”, as experiências compartilhadas entre os sujeitos se apresentam com a presença de detalhes que as aproximam. Com isso os valores atribuídos às representações expostas na casa-museu evidenciam a relação de pertencimento com os entrevistados, um ambiente que ganhou reconhecimento quando admitido pelo público visitante como um local destinado a interação, ao saber, e é diante desse tipo de abordagem que Maria Valente (2005, p. 56) reflete:

O compromisso do museu é o de ajudar na construção de uma sociedade capaz de fazer face ao presente e ao futuro, ampliando a confiança no conhecimento e na compreensão do ambiente em que se vive, considerando a história e a cultura de diferentes lugares e indivíduos, tomando, assim, a diversidade no seu interior e transformando a diferença em vivência positiva.

Compreende-se que o museu tem um papel importante na construção moral e intelectual de uma sociedade, além de promover uma relação ampla e construtiva com todos ao seu redor. Nas entrevistas com um grupo de moradores que frequentam a casa-museu, foi identificado que seus relatos eram voltados a um sentimento de ligação com algumas peças do acervo, quando mencionavam que ao visitar reviviam um pouco de suas próprias histórias, preservados naquele espaço, e se sentem felizes pela oportunidade de existir, no povoado onde vivem, um museu, que preza pela cultura de seu povo.

Segundo Michael Pollak (1992, p. 202) “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. Essa conexão do indivíduo com o íntimo dos seus pensamentos, direciona-o a eventos de seu passado, produzindo diversas sensações, em um dos relatos de uma moradora entrevistada se percebe que suas recordações sobre a casa-museu, são reforçadas como um lugar de sua infância, observou-se o sentimento de pertencimento da entrevistada com a casa.

Esse sentimento de pertencimento com a casa-museu é observado quando do relato de Maria Nascimento<sup>5</sup> (2020), que é neta do primeiro morador: “o que mais me chama atenção é a foto do meu avô Lúcio Braga Lima, que já foi dono e morador daquela casa”. A lembrança

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Maria Sandes Lima do Nascimento, tem 69 anos, moradora do Tingui, Dona de casa, cursou até a quarta série. Entrevista gravada no dia 14 de janeiro de 2020 e autorizada pela entrevistada.

do seu avô permanece eternizada em fotografias e alguns objetos que a ele pertenceram em vida e para a entrevistada esses detalhes tornam a casa-museu ainda mais importante.

Diante das memórias compartilhadas sobre a casa, ao confrontar esses relatos, observa-se que a forma como é expressado o sentimento de pertencimento com a casa por parte da entrevistada é alicerçada com a lembrança do proprietário da casa-museu, por ter conhecido o antigo dono da propriedade, o Lúcio Braga, e por ter transformado a antiga habitação em um local de representatividade.

Para o sociólogo Maurice Halbwach (1990, p. 26), “é porque, em realidade, nunca estamos sós”, nossas lembranças são reforçadas, pelas referências de momentos compartilhados com outras pessoas, mesmo não sendo relatadas da mesma forma. Nesse contexto, as lembranças compartilhadas que permanecem presentes na memória dos que vivenciaram, ao transmiti-las no presente, se integram àquele momento (ALENCAR, 2007). Portanto, o acervo da casa-museu e a própria casa auxiliam essas memórias dos entrevistados no presente.

Diante da importância desse local para o referido povoado e região, Evanise Costa (2006, p. 7) enfatiza que os “museus são bens culturais de uso público que precisam ser mantidos, organizados e preservados em ação conjunta com a sociedade e o governo”. Contribuir para sua permanência é primordial, eis que muitas instituições precisam de apoio para se manter, mas não se aplica sempre. E é sobre isso que os entrevistados do Tingui acrescentam, ao relatarem que manter o espaço da casa-museu permitirá que no futuro as pessoas tenham contato com a história de suas raízes e que a continuem preservando. Sabendo da importância de preservar este espaço, o morador entrevistado Júlio Oliveira<sup>6</sup> (2020) acrescentou:

[...] é uma exclusividade aqui do Tingui. Então, partindo inicialmente pra o pessoal daqui que eles valorizem a prata da casa que é. Qual o lugar, né, que não queria ter um museu que guardasse ali aquele acervo tão maravilhoso quanto é? E pro pessoal de fora, que também apreciem, né? Não é à toa que a gente tem, e não é toda hora que a gente tem um museu, né? Tão rico como o museu da caatinga é.

De acordo com a narrativa, pode ser percebida a importância da valorização da casa-museu, por ser um bem que, embora particular, mantém o acervo que remete à identidade daquelas pessoas, traduz o sentimento de pertencimento àquele local. Corroborando isso, o responsável por toda idealização, construção e organização atribui todo o seu tempo livre e conhecimento a manter esse espaço vivo, o que é o mais importante.

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Júlio Feitosa de Oliveira, 18 anos, morador do Tingui. Concluinte de ensino médio. Entrevista gravada no dia 16 de janeiro de 2020 e autorizada pelo entrevistado.

FIGURA 3 – Lançamento do livro “O Grito da Caatinga”, realizado na casa-museu



Foto retirada da página do Facebook de Paulo Oliveira. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1378679662186523&set=a.149144705140031> Acesso em: 19 de maio de 2020.

Observa-se na imagem acima um dos eventos ocorridos na casa-museu, sob o qual alguns entrevistados relataram ser atrativos e importantes para o lugar, sendo acontecimentos que contribuem com a interatividade. Visando isso, a entrevistada Maria V. Oliveira<sup>7</sup> (2020) reforçou:

[...] presenciei a cavalgada cultural, onde lá pude ver não só as pessoas da comunidade, de outras comunidades se encantando com o espaço, e como o dono do espaço, e todos seus familiares são muito receptivo, isso se tornou um lugar muito acolhedor, se tornou um lugar de passeio pras pessoas.

Como pontuou a entrevistada, essas atividades realizadas na casa-museu procuram aproximar o público, possibilitando a sua participação, vendo que a casa poderia ser um espaço de aprendizado. Nesse ponto, Horta, Grunberg e Monteiro (1999) destacam a importância da educação patrimonial, na função de levar os indivíduos a entender a esfera cultural que os rodeia. Portanto, mesmo não possuindo experiência com museus, Paulo Oliveira decidiu engendrar este projeto no Tingui, liderando na prática um espaço cultural. Percebe-se que, mesmo com adversidades, a colaboração das pessoas que apoiaram a iniciativa foi fundamental nesse processo. Nesse sentido, a Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga, passou a agregar valor, como também incentivando boas práticas de preservação.

---

<sup>7</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pela entrevistada.

### 3 AS MEMÓRIAS DE UM ACERVO

Antes mesmo de se tornar museu, percebe-se que a relação da casa com o Tingui se solidifica através das marcas no tempo e no partilhar de experiências vividas por aqueles que conheceram o primeiro dono da residência, e por meio do manejo com a mandioca. Considerando, que a casa foi construída no século XX, Paulo Oliveira (2020) relatou:

Essa casa foi construída, é... algumas informações nos dão conta de que ela foi construída em 1914. A princípio era apenas uma residência, depois sentindo a necessidade o seu proprietário, o senhor Lúcio Braga, construiu, em anexo, uma casa de farinha que serviu a comunidade até os anos 80. Daí para cá entrou em ruínas e aí foi quando eu adquiri. Quando eu a adquiri, a adquiri em 2012, então aí houve as reformas, e veio a ideia da criação da casa-museu.

Transformando a casa em um espaço que, com base no quanto dito por Rosaelena Scarpeline (2012, p. 89) “[...] servirá de elo de ligação da história social e do patrimônio edificado, sendo um lugar de interação e elaboração de conhecimento”, seus cômodos asseguram testemunhos preservados de épocas passadas, que contribuem com a identidade.

Quando decidi ir em busca artefatos, o idealizador da casa-museu não possuía um critério para escolha das peças, o ponto de partida para seleção veio ao se deparar com materiais utilizados em casa de farinha (OLIVEIRA, 2020). Nesse ponto, é importante desprender-se das ideias, socialmente construídas, de que essas instituições funcionam somente para obter bens materiais e expor (VALENTE, 2005), aqui se busca sempre reforçar o objetivo de transmitir por meio da casa as memórias que as peças e demais artefatos refletem no cenário cultural.

São peças que carregam memórias de vida, sendo reforçada por esse sentimento de pertencimento, num processo de construção da identidade. O idealizador procurou transformar a residência em um ambiente favorável a todos que a visitassem, mantendo todas as peças doadas e compradas no estado em que foram adquiridas. Diante da representatividade do acervo, Maria Nascimento<sup>8</sup> (2020) recordou:

Porque tem coisas da minha infância que a nova geração não alcançou. Tem objeto, como as peças da casa de farinha, que representa para mim as mais belas lembranças. Vejo ainda o meu avô Lúcio sorrindo, minha madrastra cevando mandioca, cantando e dizendo piadas, isso representa muito para mim.

---

<sup>8</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pela entrevistada.

A recordação da entrevistada é reforçada pelo relato de Maria Oliveira<sup>9</sup> (2020), quando acentua os bons momentos em torno da casa de farinha, afirmando fazer parte da trajetória de sua vida, revela uma época de partilha, com uma atividade realizada em muitas localidades e ao mesmo tempo necessária para muitas famílias. Nesse cenário, Halbwach (1990, p. 127) entende:

Assim, quando numa sociedade que se transformou subsistem vestígios de que existia antes, aqueles que a conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhe dão acesso a um outro tempo e a um outro passado.

Mesmo com a evolução no tempo, ao encontrar elementos do passado de uma localidade no presente, os grupos humanos que vivenciaram esse período terão a oportunidade de se ater a essas memórias. Um exemplo de artefato dessa cultura no Tingui é a prensa<sup>10</sup>, que pertenceu ao primeiro dono e hoje se encontra no acervo na casa-museu. Diante da sua função, ganhou valorização por parte do então proprietário, que encontrou nesta peça memórias de uma época.

FIGURA 4 – Prensa de casa de farinha



Foto do acervo pessoal de Emília Carolina Gomes Oliveira. Tingui – Água Branca, 20 de janeiro de 2020.

As memórias reconstruídas sobre essa prensa de madeira são reforçadas desde a sua utilização à permanência no museu, fazendo parte da identidade sociocultural do Tingui e demais povoados. Como salientou Paulo Oliveira<sup>11</sup> (2020):

Nós temos aqui [...] esse artefato que é a prensa de casa de farinha, é uma peça que não serviu só a comunidade, mas é uma peça que se multiplica pela região.

<sup>9</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pela entrevistada.

<sup>10</sup> Prensa, no sentido utilizado no texto, significa peça rústica de madeira usada no fabrico da farinha de mandioca, conforme o dicionário virtual de língua portuguesa, mantido no sítio eletrônico no endereço, <https://www.dicio.com.br/prensa/>. Acessado em: 08 de junho de 2020.

<sup>11</sup> Segunda entrevista realizada em: 24 de maio de 2020 e autorizada pelo entrevistado.

Quantas casas de farinha tenha lá vai estar uma prensa dessas. Senão dessa versão porque eu diria essa é uma das mais antigas, né? Mas, tem outras formas de prensar a massa da mandioca que terá a mesma função dessa daqui.

Ao focar a identidade desta peça pela sua longevidade, é possível perceber que embora a casa já tivesse sido habitada outrora, os artefatos que permaneceram e que retratam esses eventos do passado dos povoados, não foram retirados da residência. “O novo quadro, projetado sobre os fatos que já conhecíamos, ali nos revela mais de um traço que nele se posiciona, e que dele recebe um significado mais claro” (HALBWACH, 1990, p. 78), assinala uma época marcada na cultura da mandioca, onde alguns entrevistados compartilharam suas lembranças.

Grande parte das peças que são referenciadas remetem ao trabalho no campo, às cozinhas das famílias regionais, utensílios que foram de grande serventia numa época, que carregam memórias, sendo alguns deles ainda utilizados atualmente. Em relato, a moradora Maria V. Oliveira<sup>12</sup> (2020) menciona “os potes de barro” como um dos objetos mais emblemáticos do acervo, pela forma como eram utilizados e pela representatividade da peça no seio de sua família, tratando-se de uma recordação de quando criança.

FIGURA 5 – Pote de barro



Foto do acervo pessoal de Emília Carolina Gomes Oliveira. Tingui – Água Branca, 26 de janeiro de 2020.

A forte representatividade dos utensílios domésticos presentes no acervo, evidenciam a relação com o sertão e respectivamente com as famílias sertanejas. As coleções de potes de

---

<sup>12</sup> Entrevista com Maria Vieira de Oliveira. Tem 40 anos, mora no Tingui há 10 anos. Tem 2º grau completo. Entrevista gravada no dia 16 de janeiro de 2020 e autorizada pela entrevistada.

barro se espalham pela casa-museu, assinalando sua presença nas moradias regionais. Sobre esses utensílios Paulo Oliveira (2020) acrescentou:

[...], além do armazenamento da água, muitas serviam também para armazenar é... coco de ouricuri, armazenar farinha, armazenar açúcar, armazenar tantas outras coisas, farinha da mandioca e também é... pra botar a raiz de mandioca pra pubar, famosa mandioca puba pra fazer bolo, pra fazer mingau [...].

É possível perceber que foram muitas as atribuições destinadas, nota-se a ligação com a mandioca, e assim como a prensa testemunham um passado sobre o uso da raiz, carregam histórias que acompanham décadas. Nesse ponto, a moradora entrevistada Sofia Vieira<sup>13</sup> (2020) considerou a peça como fruto de uma época em que o trabalho com o barro possuía outras características, diferenciando-se dos atuais pelo formato. Marca da evolução da fabricação de peças de uso doméstico, que ganhou uma nova modelagem, sem deixar de fornecer suas utilidades. De acordo com Mario Chagas (2010, p. 6):

As casas museus e os seus objetos servem para evocar nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam.

Diante da abordagem de Chagas, considera-se que esses sentimentos são despertados na intimidade do contato, na curiosidade em entender os acontecimentos do passado, que acabam transportando as pessoas para outras situações sob as quais relembram. O acervo da casa-museu também desperta essas sensações. O entrevistado Júlio Oliveira<sup>14</sup> (2020) reforçou:

[...] antigamente quando a gente ia na casa de tios, tias, e a gente via algumas peças, algumas fotografias, e ficava aquele questionamento como era a vida dessas pessoas, de que maneira elas viviam e hoje a gente tem [...] essas peças no museu, né? Em um acervo maior e que a gente pode ir lá desfrutar e observar com mais gosto as peças das pessoas da região.

Poder rever e relembrar esses momentos através do acervo é muito significativo, entende que cada objeto exposto possui um valor por representar o passado de muitas famílias, corroborando-se com o relato de Nívia Silva<sup>15</sup> (2020) que recorre às lembranças da infância, ao ouvir narrativas de seus familiares sobre muitos objetos que se encontram no acervo. “A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento

---

<sup>13</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pela entrevistada.

<sup>14</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pelo entrevistado.

<sup>15</sup> Segunda entrevista realizada em: 23 de maio de 2020 e autorizada pela entrevistada.

particular da nossa história” (NORA, 1993, p. 7), uma vez que o que foi vivido ficou no passado, mas as tradições e ensinamentos dos antepassados, encontram uma forma de serem perpetuados. Neste ambiente cultural a vida cotidiana entrelaçada as memórias ofertadas pelos bens expostos permitem o reencontro com as raízes.

As representações fotográficas, por exemplo, refletem um tempo marcado na saudosa lembrança de pessoas que viveram no Tingui, que se encontram expostas na parede de um dos cômodos do museu, como mostra a imagem abaixo:

FIGURA 6 – Fotografias de entes queridos



Foto do acervo pessoal de Emília Carolina Gomes Oliveira. Tingui – Água Branca, 26 de janeiro de 2020.

É diante deste acervo fotográfico que os entrevistados revelam que se sentem representados ao ver seus familiares e poder ir ao encontro com essas memórias reconstruídas. Nota-se que grande parte dessas pessoas referenciadas nas fotografias vieram da mesma família, percebe-se a relação de parentesco.

Quando questionada sobre quais objetos eram mais representativos, a moradora entrevistada Nívia Silva<sup>16</sup> (2020) não hesitou em exemplificar “as fotografias, porque elas mostram muitas pessoas do Tingui, que viveram aqui, que já faleceram, mas que foram pessoas importantes e de destaque”. Para a entrevistada, as fotografias exprimem a realidade sob a qual estiveram esses moradores, sendo observados através de suas expressões e posturas. Esse posicionamento também é direcionado nos relatos dos demais entrevistados que ao se deleitarem sobre a exposição fotográfica, encontram suas contribuições.

---

<sup>16</sup> Entrevista com Nívia Maria de Oliveira da Silva, tem 27 anos. Moradora do Tingui. Graduanda do curso de História pela UFAL – Campus do Sertão. Entrevista gravada dia 14 de janeiro de 2020 e autorizada pela entrevistada.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre as informações que os registros fotográficos fornecem, para compreendê-los (CORREA; STEINKE, 2008). As representações fotográficas são as que mais sobressaem, além das peças em madeira, como expressou Maria Nascimento (2020):

A foto do meu avô Lúcio Braga significa para mim uma grande lembrança, e o jumentinho feito de madeira pelo artesão Paulo Soares, o atual dono da casa, significa para mim um cavalinho que meu avô tinha e me carregava na garupa para a missa em Água Branca.

O cenário de infância narrado é a lembrança feliz do seu passado, pelo que compartilhou com os seus. De acordo com Jô Gondar e Vera Dodebei (2005, p. 18), “admite-se hoje que a memória é uma construção”, a forma como interpretamos os acontecimentos do passado, permite a sua reconstrução no presente, nesse ponto, Pierre Nora (1993, p. 9) expressa: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, ela se acopla a esses eventos passados. O artesanato em madeira, expressa o percurso traçado pelas famílias locais, ao utilizar esses animais, muitas vezes para transporte, em épocas passadas.

FIGURA 7 – Escultura exposta na casa-museu

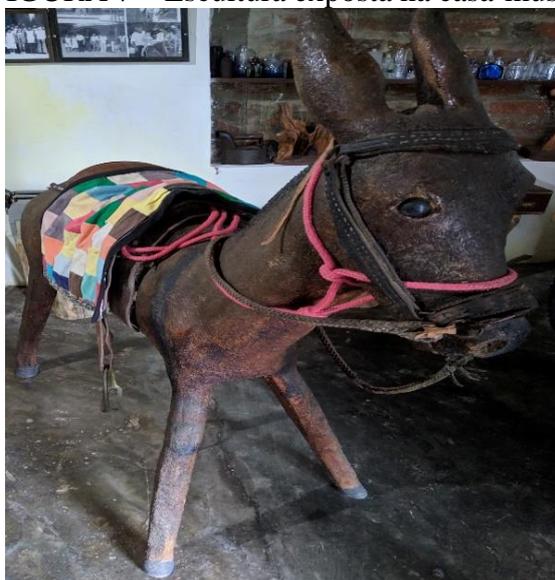


Foto do acervo pessoal de Emília Carolina Gomes Oliveira. Tingui – Água Branca, 24 de maio de 2020.

Esses artesanatos simbolizam a expressividade das tradições no sertão. Segundo Letícia Julião (2006, p. 99), “pode-se dizer que a abordagem do acervo, que se dá no âmbito do conhecimento, conduz à incorporação de novos sentidos e significados aos objetos para além daqueles cristalizados pelas coleções”, ao analisar a peça é necessário entender a mensagem que ela passa, para construir um entendimento sobre o que ela representa.

Percebe-se o contraste da peça com a caatinga, onde o artesão exprime a relação com a natureza através da madeira, ao apoiar-se na história do trabalhador sertanejo, na força da mulher, na cultura sob a qual circunda. Desse modo, só reunir objetos para contemplar o acervo não irá fomentar o seu objetivo, é preciso comunicar com o público (VALENTE, 2005). Sendo assim, Mariana Mesquita (2013, p. 311-312) reforça:

Assim a experiência museal, para ser significativa, deverá perdurar para além do momento em que decorreu, e constituir um conjunto de total emoções, sensações e vivências, aprendizagens experimentadas como resultado da interação com os objetos, discursos e espaços museológicos.

É necessário que haja um diálogo entre os meios educativos ofertados nesse ambiente cultural, com quem frequenta este espaço. Visando isso, Paulo Oliveira (2020) explicou:

Bem, esse foi o objetivo da criação da casa-museu, reaproximar a comunidade e os visitantes com o passado, né? Então, a partir do momento que você vem aqui conhece o nosso acervo, um acervo rico em história das comunidades antigas, é claro que você vai adquirir mais conhecimentos. Isso acredito que atinja, que seja um dos objetivos da montagem dessa casa.

Com base no relato acima, é possível entender que a influência do museu sobre as pessoas é motivo para a agregação de saber. Nesse contexto Julião (2006, p. 96) aponta que “ao definir o acervo como cerne de suas investigações e reflexões, o museu encontra no domínio da cultura material um campo privilegiado e fértil para o desenvolvimento de suas pesquisas” quando a exposição é atribuída como uma importante ferramenta na construção de conhecimento, o espaço em que ela se insere alcança um maior significado, uma oportunidade para aprendizado. Nesse quesito, os entrevistados acrescentaram dizendo que a proposta do acervo impulsiona o interesse deles, por contemplar a história dessas culturas, onde alguns estiveram envolvidos e recordam com alegria.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL**

De acordo com Rúbia Lóssio e Cesar Pereira (2007, p. 1), “o conhecimento da cultura local reforça a valorização bem como o incentivo ao desenvolvimento da região”, contribui para a elaboração de atividades que visem a divulgação local e o seu crescimento. A criação da casa-museu no Tingui e todo o percurso traçado para alcançar seu objetivo, foi possível mediante a

divulgação de familiares, amigos e da tecnologia, sendo fundamental nesse processo, como revelou Paulo Oliveira (2020):

Bom, a tecnologia ela encurta caminhos, né? São tantas pessoas que moram longe, bem distante desse nosso país, que acaba tomando conhecimento de que ainda existe peças que foram do seu cotidiano enquanto criança. Então, só a tecnologia é capaz de fazer, de trazer esse papel tão importante que é levar informações e encurtar a comunicação. Eu acho que o museu ganha muito com isso, apesar de não ter é... um vínculo oficial ainda, mas ele já está bastante conhecido pelo fato do uso da mídia tecnológica.

A casa-museu possibilita esse encontro, por meio de registros fornecidos através dos sítios eletrônicos informativos, que propagam sua existência. Considerando todos os recursos disponíveis atualmente, e a forma como as informações repercutem, os entrevistados enfatizaram que esses veículos de comunicação propiciam no conhecimento da casa-museu no Tingui, favorecendo o encontro das pessoas com a exposição, como reforçou Júlio Oliveira (2020):

Sobre essa questão, é válido ressaltar, que é muito importante o uso da tecnologia, independente de qual ferramenta de comunicação, é indispensável. Porque [...] ao mesmo tempo que é divulgado e pessoas que ainda não conhecem o museu e conseguem ter acesso àquele acervo, aquelas imagens, aquelas peças, elas se sentem curiosas e vai procurar. Então, a internet impulsiona e ao mesmo tempo aproxima as pessoas desse tesouro que é o museu e esse resguardo de história fica mais vivo.

O entrevistado entende que essa dinâmica de informações estimula a repercussão da casa-museu, bem como, a aproximação com as pessoas. Visando a realidade sobre a qual se insere a casa-museu, os entrevistados acreditam que a tecnologia seja uma alternativa positiva. Nesse cenário Chagas (2010, p. 6) reflete:

O exercício de uma nova imaginação museal também permitiria e estimularia a criação de novas casas museus, casas que encenassem novas dramaturgias, que valorizassem a dignidade social, o respeito às diferenças, o respeito aos direitos humanos, à liberdade, à justiça; que registrassem no presente e projetassem no futuro a memória criativa daqueles cuja memória é freqüentemente esquecida, silenciada, apagada.

Na narrativa, Chagas expressa que ao buscar novas alternativas que visem a funcionalidade de um museu, permitirá a construção de mais estabelecimentos desse seguimento, e também auxiliaria outros a buscar inovação, trabalhando com outras didáticas, investindo na sensibilidade, representatividade, na conduta humana. Adequar-se às demandas

que surgem, permitirá o desempenho de novas medidas, visando desprender-se do que não acrescenta e procurar modernizar-se.

A tecnologia surge nesse cenário cultural como um importante veículo de auxílio, nesse contexto, a moradora entrevistada Sofia Vieira<sup>17</sup> (2020) pontuou que ao visitar a casa-museu, as futuras gerações poderão “[...] se surpreender um pouco, porque tá vivendo esse mundo de modernidade de celular e chegar lá ter coisas de antigamente, essas coisas velhas e ter um pouco de mudança”, percebe-se o cotejo realizado pela entrevistada entre o passado e a atualidade, e como a tecnologia está cada vez mais ganhando espaço.

É possível compreender que a valorização da cultura local vem como ponto de partida para que outras gerações também se disponham a apoiar produções de natureza cultural como essa, e para a moradora entrevistada Nívia Silva (2020): “[...] valorizar a cultura local é valorizar nada mais do que a nossa própria identidade”. Diante das inovações que ocorrem atualmente, admite-se que esses locais devem estimular a presença do público (MESQUITA, 2013), um ambiente que proporciona o acolhimento, o encontro com o passado, e local de visitação constante.

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 5), “a cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração [...]”, no Tingui, a casa-museu retrata uma cultura de pessoas que aprenderam a valorizar o que o foi deixado de gerações passadas, sendo esta um exemplo de produção artística, onde o idealizador buscou elementos dessa cultura que estava cada vez mais sendo esquecida e a transformou em oportunidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para construir esta pesquisa, foi preciso compreender a representatividade do acervo da Casa-museu no Povoado Tingui, e as contribuições que este reflete, na vida dos que ali residem, valendo-se, da sua importância na construção da identidade. As abordagens sobre Casa-Museu contemplam um campo diversificado, representando os anseios de uma cultura que preza pela continuidade da história. Os relatos dos sete entrevistados foram fortalecidos pela referência da habitação e do acervo, ao permear suas memórias no compartilhar das experiências, propiciando na compreensão da objetividade do museu, que se firma na proposta de conceder o desfrutar da história, corroborando assim, na construção deste trabalho.

---

<sup>17</sup> Entrevista com Sofia Soares Vieira. Mora no Tingui há 10 anos. Estudante, tem 11 anos. Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2020 e autorizada pela entrevistada.

No Tingui, a casa-museu representa e faz jus a uma cultura manifestada pelo interesse em rememorar as práticas, outrora compartilhadas, a partir de materiais testemunhos, que se fazem presentes no acervo, estes, representam a estabilidade, no cerne da história local, que se pauta nas raízes das tradições socioculturais, justamente, por representar o cotidiano das famílias. Para os entrevistados, todo conhecimento ofertado e a ajuda da mídia tecnológica, são de suma importância, ao enxergar esses veículos como algo positivo e capaz de contribuir com a educação patrimonial.

Ressalta-se que, houveram algumas dificuldades no proceder das entrevistas, diante das perguntas e das colocações dos entrevistados, sendo elaborada uma segunda entrevista, para suprir algumas informações. Estas, foram realizadas em dois momentos, em janeiro e maio de 2020, neste referido Povoado. Sendo assim, é importante que se faça um exercício de reflexão ao proceder uma entrevista, para se ater a esses detalhes, buscando perguntas especificadas e mais detalhadas sobre a temática a ser estudada, para atingir os objetivos.

Portanto, a casa-museu no Tingui, apresenta-se como um ambiente precursor na localidade, por ser uma referência cultural, voltada ao compromisso com a preservação, além de contribuir com o conhecimento. Embora não oficializada, exerce um papel importante, assim como qualquer outra instituição oficializada. Ao fazer menção as futuras gerações, ao incentivar a preservação de vestígios deixados por culturas passadas, diante da sua representatividade. Por apropriar-se de alternativas positivas para o bom funcionamento do espaço, aliando-se a tecnologia, para engajamento com o público.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo. Contexto, p. 155-202, 2005.
- AFONSO, Micheli Martins; SERRES, Juliane Conceição Primon. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**. Noviembre 2014.
- ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. In: **Teoria & Pesquisa**, v. 16 – n. 2, p. 95-110, Jul/Dez de 2007. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/108/94>. Último acesso em: 03/07/2020.
- BARROS, José D´ Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BARROS, José D´ Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. In: **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p. 460-476, Jul/Dez, 2006.
- CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. In: **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 3-12, out. 2010. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62790>>. Último acesso em: 01/07/2020. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v2n4.2010.62790>.
- COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios Básicos da Museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus / Secretaria de Estado da Cultura, 2006.
- CORREA, Nanci Edilani; STEINKE, Rosana. O museu histórico da cidade de Cruzeiro do Oeste: uma discussão de história local e educação patrimonial. **Artigo para o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE**, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2406-8> Último acesso em: 03/07/2020.
- GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro. Contra Capa, 2005, p 11-26.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice. 1990.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico da Educação Patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999.
- JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica no Museu. In: **CADERNO de Diretrizes Museológicas 1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus: 2. ed. 2006, p. 93-105.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. In: **III ENECULT - Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Anais...**Bahia: UFBA, 2007.

MESQUITA, Mariana Mendes de. Um Projeto de Novas Tecnologias Aplicado na Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. In: **Vox Musei arte e património**. ISSN 2182-9489. Vol. 1 (2): pp. 309-322, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo. (10), p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, A. N. S; AMORIM, C. M. F; LEMOS, R. P. L. (Org.). As riquezas das áreas protegidas no território alagoano. **Maceió: Instituto do Meio Ambiente**, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas São Paulo. Editora Unicamp. 2007.

SCARPELINE, Rosaelena. Lugar de morada versus lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. In: **Revista Musear**, n. 1, p. 77-91, jun. 2012.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. O museu de ciência: espaço da história da ciência. In: **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, n. 1, p. 53-62, 2005.

<https://www.dicio.com.br/modus-vivendi/> Acesso em: 08/06/2020.

<https://www.dicio.com.br/prensa/> Acesso em: 08/06/2020.

<https://www.google.com.br/maps/place/POVOADO+TINGUI,+%C3%81GUA+BRANCA+-+AL/@-9.3438295,-37.8926318,603m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x708dea095ecc335:0xee9580a2f839f9b7!8m2!3d-9.3450046!4d-37.8947346>. Acesso em: 24/08/2020.

## **APÊNDICE 1 – ENTREVISTA REALIZADA COM UM GRUPO DE MORADORES DO POVOADO TINGUI, REALIZADA EM JANEIRO DE 2020.**

Entrevista realizada com o morador do Tingui, Júlio Feitosa de Oliveira, no dia 16 de janeiro de 2020, às 21:02. Município Água Branca/AL.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistado: Meu nome é Júlio Feitosa de Oliveira, eu sou morador aqui do Tingui também, sou conculinte do ensino médio pela Escola Estadual Monsenhor Sebastião de Água Branca, tenho 18 anos.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

É... moro na comunidade desde novo né, tenho 18 anos. Então, 18 anos na comunidade.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

Sim, pois ali a gente... a gente encontra um acervo que remete as raízes da comunidade, os primórdios.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

Foi uma impressão bacana. Porque você está em um espaço onde é... prioriza, onde dá uma ênfase a cultura da localidade, é de suma importância.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Sim, justamente pelo acervo que remete aos antepassados, as raízes e aos primeiros moradores, tudo família. Então, remete sim.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Ah sim, claro, é... de fato porque ele tá resgatando, né? Ali naquele espaço história, né? A vida, identidade da comunidade.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Não de forma frequente, mas eu tenho ido sim algumas vezes lá.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

As fotografias. Justamente pelo que eu falei, justamente por remeter as pessoas que contribuíram diretamente para a história e para formação da identidade daqui da comunidade Tingui.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

É... de que forma eu posso ver isso. Representativo, é... as fotografias novamente, justamente pelo que eu falei, que eu me vejo como pertencimento por ser parente, por ser próximo e ver o quão importante. A importância que essas pessoas tiveram aqui na comunidade, né?

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Claro, claro. Olha a importância que é você ter um museu, né? É algo engrandecedor, então, é muito importante sim.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

É... sobre o Paulo que é o idealizador, é... ele foi bem, bem é... como eu posso dizer, ele foi bem é... ousado na forma de... Uma ousadia boa, uma ousada bacana que fez com que ele não perdesse os materiais que a gente tinha na comunidade. Fazendo aqui uma ressalva ao guardar, a fazer um espaço onde estavam ali esses objetos que são de grande importância pra o lugar.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui? Que elas valorizem, que elas é... saibam o tamanho do valor que um museu tem. Que visitem, que compartilhem, que apreciem com gosto, porque... principalmente pro pessoal da comunidade. Você ter um museu aqui no lugar é um tesouro, então que elas valorizem o que tem, né?

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Sim, porque é uma exclusividade aqui do Tingui. Então, partindo inicialmente pra o pessoal daqui que eles valorizem a prata da casa que é. Qual o lugar, né, que não queria ter um museu que guardasse ali aquele acervo tão maravilhoso quanto é? E pro pessoal de fora, que também apreciem, né? Não é à toa que a gente tem, e não é toda hora que a gente tem um museu, né? Tão rico como o museu da caatinga é.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Julio Fatoza de Oliveira, parte,  
RG 3984986-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Julio Fatoza de Oliveira

(Assinatura do colaborador)

Entrevista realizada com a moradora Maria Sandes Lima do Nascimento, no dia 14 de janeiro de 2020, em sua residência no Tingui, Município Água Branca/AL.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistada: Meu nome é Maria Sandes Lima do Nascimento, sou moradora do Tingui desde que nasci, tenho 69 anos, fiz apenas o curso primário, sou dona de casa.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

Desde que nasci, 69 anos.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

Muito importante.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

A minha primeira impressão que foi umas das coisas mais maravilhosas que já fizeram no meu lugar.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Tenho sim. Sinto sim, minha querida.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Foi sim.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Costumo.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

O que mais me chama atenção é a foto do meu avô Lúcio Braga Lima, que já foi dono e morador daquela casa.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

Com eu já falei, é a foto do meu avô e também tem um jumentinho, a coisa mais linda.

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Acho sim, muito importante.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

Foi uma iniciativa maravilhosa, porque ninguém nunca pensou em fazer isso aqui em nosso lugar.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui? Que elas continuem, que não deixe essa casa se acabar porque é muito importante. Isso vai ficar para nós até o fim dos tempos se alguém cuidar.

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Acho importante sim, porque isso é uma coisa maravilhosa. Museu é uma coisa importante para todos nós, traz lembranças do passado que a gente nunca deveria esquecer.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Sandes Leina do Nascimento, casada,  
RG: 1285639, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Sandes Leina do Nascimento

(Assinatura do colaborador)

Entrevista realizada com a moradora Maria Soares de Oliveira, no dia 14 de janeiro de 2020, em sua residência no Tingui, Município Água Branca/AL, às 16:59 da tarde.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistada: Eu sou Maria Soares de Oliveira, moradora aqui no distrito Tingui há 63 anos. Sempre vivi aqui, me criei, estudei até a 4ª série e sempre vivi aqui mesmo, não, nunca morei em outro lugar. É... como a menina tá fazendo as perguntas aqui sobre o museu, é... eu sou muito a favor daquele museu lá, muito bom. Foi muito bom ter surgido esse museu aqui no Tingui, eu mesmo gosto muito de ir até lá. Lá eu me sinto muito bem, e... eu acho é... muito bom pras pessoas que vem de lá de fora. É... eu acho que vai continuar aparecendo pessoas e isso é muito bom.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

Há 63 anos.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

Sim, muito importante.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

Ah gostei muito, fiquei encantada quando cheguei lá, a primeira vez que eu andei lá.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Sim, porque é... lá o dono é o meu irmão e eu gosto muito de ir até lá, e me sinto privilegiada de ver aquilo tudo.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Sim.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Sim, sempre tô indo lá.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

As fotografias. Aquelas coisas antiga que a gente sempre que anda lá admira. A gente... todas às vezes que eu chego lá, eu admiro aquilo lá. A gente... passa o tempo que não percebe. O tempo que tá lá, a gente tá vendo e ta gostando, é sempre bom.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

É... muitas coisas eu gosto, principalmente é... as foto. Até o ponto da casa mesmo, lá mesmo é muito bom. Assim, é um ponto que chama atenção.

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Sim.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

É... eu acho a ideia muito brilhante. Ele é uma pessoa muito... que gosta dessas coisas e eu apoio ele em tudo o que ele faz.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui? Eu sempre aconselho que sempre vão lá. Pessoas que gosta, quem não gosta continuem andando, que vai aprender a gostar também.

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Porque aqui não tem outra, e de repente surgiu aquele museu ali naquele ponto, é... e eu sinto... Muito importante que ela continue lá, pra gente, pra nova geração. Eu acho muito importante que ela fique lá.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Soares de Oliveira, Casada,  
RJ: 1137139, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Soares de Oliveira.

(Assinatura do colaborador)

Entrevista realizada com a moradora Maria Vieira de Oliveira, no dia 16 de janeiro de 2020, em sua residência no Tingui, Município Água Branca/AL, às 15:57 da tarde.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistada: Meu nome é Maria Vieira de Oliveira, moro aqui no distrito Tingui há 10 anos, já morei em São Paulo, mas sou natural do Zuleiro, um lugar próximo aqui, tenho 40 anos e tenho 2º grau completo.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

Há 10 anos.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

Muito importante.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

A impressão da gente voltar um pouco ao passado e mostrar aos filhos da gente as coisas que foram vividas antigamente, que hoje tá tudo diferente.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Me sinto representada.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Foram essenciais.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Costumo, sempre que posso.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

A organização do lugar.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

Os potes de barro.

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Acho importantíssimo.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

Tenho a dizer que ele tá de parabéns sempre, por ter esse sonho e conseguir realizar e levar esse sonho pra outras pessoas poder sonhar também.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui?

Tenho a dizer que colaborem com o museu, que é muito importante pra a comunidade, pro estado e pro Brasil.

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Sim, porque é uma coisa que todo mundo tá usufruindo daquilo ali e é importante, né? As coisas assim, que veem pra o bem da comunidade a gente preservar.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Vieira d. Oliveira, solteira,  
RG: 1.976.875, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Vieira d. Oliveira.

(Assinatura do colaborador)

Entrevista realizada com a moradora do Tingui, Nívia Maria de Oliveira da Silva, no dia 14 de janeiro de 2020, no Tingui, Município Água Branca/AL, às 20:35 da noite.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistada: Eu sou Nívia Maria de Oliveira da Silva, eu moro aqui no Tingui há 27 anos, eu sou graduanda do curso de História na UFAL - Campus Sertão, estou no sétimo período, e atualmente eu sou apenas estudante.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

Eu moro na comunidade há 27 anos.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

Sim, eu acho que é muito importante, porque é um espaço pra cultura, é um espaço pra nós, pra nós da nossa região. Pra mostrar muita coisa do que... do que foi deixado pra gente, e que isso é arte, é cultura e representa, nos representa.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

Minha primeira impressão foi de alegria, surpresa. Lá é um espaço muito bom, muito agradável, tem muito o que se ver, tem muito o que se estudar.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Sim, eu me sinto muito representada. Entrar lá, é como entrar também no túnel do tempo sobre o Tingui, sobre muitas coisas. Então, eu me sinto muito bem representada.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa-museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Sim, porque representa muito aqui a gente e é bom, é diferente, um lugar que tem um espaço como esse, destinado a todos nós, né? Um espaço que nos representa.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Sim, costumo, a cada momento que eu visito é uma nova inspiração, um novo conhecimento.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

O que mais me chama atenção são as fotos, as fotografias que são expostas. Também as artes em madeiras mortas, né? As artes plásticas, que o próprio organizador do espaço faz e tudo, tudo é muito organizado. Frascos de perfumes do tempo mais antigo. É... máquinas de digitar, de escrever, muita coisa boa.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

As fotografias, porque elas mostram muitas pessoas do Tingui, que viveram aqui, que já faleceram, mas que foram pessoas importantes e de destaque.

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Sim, acho importante, porque valorizar a cultura local é valorizar nada mais do que a nossa própria identidade.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

Eu acho que ele é um cara inteligente e que teve uma ótima iniciativa. E eu espero que ele continue, cada vez mais, investindo nisso.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui?

Eu só tenho a dizer que elas vão adorar, porque o espaço é muito receptivo. Tem muita informação, tem muita gente bacana pra ajudar no que precisar.

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Sim, acho importante porque como eu disse, não é todo povoado que tem um museu, não é todo espaço que tem isso. Então, eu fico muito feliz, isso nos representa, me representa e eu espero que as pessoas cada vez mais gostem desse espaço e nos visite sempre.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Nívia Maria de Oliveira de Silva, Solteira,  
RG: 3386941-3, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Nívia Maria de Oliveira de Silva

(Assinatura do colaborador)

## QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA O PROPRIETÁRIO DA CASA-MUSEU NO POVOADO TINGUI

Entrevista realizada com Paulo Soares de Oliveira, no dia 26 de janeiro de 2020, às 10:14 hr. no Tingui, município Água Branca/AL.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistado: Eu sou Paulo Soares de Oliveira, tenho 64 anos, morei aqui na comunidade Tingui até os 22 anos, hoje moro e trabalho em Delmiro Gouveia, sou graduado em Teologia, pós-graduado em Ecologia Humana Gestão Sócio Ambiental pela UNEB, e sempre que posso retorno ao Tingui aos fins de semana, geralmente estou por aqui, então é isso.

1) A partir de que momento surgiu essa ideia de criação da casa-museu? Por que criar, qual a finalidade?

A casa-museu foi criada a partir do entendimento de que a nossa história estava indo embora, quer dizer, não estávamos guardando nossa memória. Achei por bem guardar algumas peças onde estão imprimidas é... trechos da história da nossa comunidade e por quê não dizer regional?

2) Quantos anos tem a casa, a quem ela pertencia?

Essa casa foi construída, é... algumas informações nos dão conta de ela foi construída em 1914. A princípio era apenas uma residência, depois sentindo a necessidade o seu proprietário, o senhor Lúcio Braga, construiu, em anexo uma casa de farinha que serviu a comunidade até os anos 80. Daí para cá entrou em ruínas e aí foi quando eu adquiri. Quando eu adquiri, a adquiri em 2012, então aí houve as reformas, e veio a ideia da criação da casa-museu.

3) Como você conseguiu essas peças? Foram compradas, doadas?

Essas peças foram conseguidas a partir de doações, algumas compradas e outras foram garimpadas nos locais de descarte da comunidade ou poderia até chamar de lixão. Mas grande parte delas foram doadas, pelos moradores da comunidade e região.

4) O que os moradores do Tingui pensam quando visitam a casa-museu?

Olha, eu sinto... eu sinto no semblante das pessoas da comunidade que visitam, não só da comunidade, mas regionais, da nossa região, que visitam a casa-museu, eu sinto eles voltarem

na história. E aí começam a contar histórias do avô, dos pais, para mim isso tem um valor interessante.

5) No seu entendimento, qual a importância da casa-museu para o povoado Tingui?

Olha, a comunidade... todo povo tem sua história e aqui está guardado um pouco dessa história, né? Então, essa casa terá uma importância muito grande para as gerações futuras, no sentido de que aqui, estão guardadas, parte da memória desse povo.

6) Como você se identifica no museu? Curador, agente cultural, administrador.

É... dado, é... pela falta de registro legal da casa, eu faço os três papéis, administrador, curador e agente cultural ao mesmo tempo, porque infelizmente ainda não foi possível registrar legalmente nos órgãos cabíveis.

7) Você considera o acervo da casa-museu fonte histórica?

Com certeza, com certeza. Cada peça conta sua história, tem uma história, teve um papel na comunidade regional. Então aqui é uma fonte histórica sim.

8) Como faz para manter o acervo da casa-museu?

Olha, quando se abraça uma causa sozinho a gente geralmente encontra dificuldades, mas quando as pessoas abraçam juntos, aí as coisas tendem a terem mais facilidade de manutenção. No nosso caso aqui é... eu lancei a ideia e a minha família abraçou comigo. Então, a gente vem mantendo este acervo, essa casa da melhor forma possível, com a ajuda mútua dos nossos familiares.

9) Para você, enquanto idealizador da casa-museu, qual a importância de preservar este espaço?

A importância de preservar esse espaço, é... eu acho que eu já falei antes, do valor da cultura de um povo, então isso aqui vai guardar a identidade desse povo, está guardando a identidade desse povo e que será resgatada pelas próximas gerações, a sua história está aqui, guardada.

10) Para você por que é importante valorizar a cultura local?

Pois é, a cultura local como acabei de dizer é a identidade de um povo. Então, se você deixa essa cultura, se você não guarda a história dessa cultura, a história desse povo, a gente perde o contato, as futuras gerações poderão perder o contato essa história do nosso passado, da nossa origem. Então, é por isso que é importante guardar pedaços dessa história, dessa cultura.

11) O senhor disse que a casa-museu ainda não está registrada, como o senhor a referência para seus visitantes?

Olha, mesmo não sendo registrada eu preciso dar nome para que as pessoas guardem a referência da casa-museu e aqui no caso eu intitulei de Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga, porque a gente está guardando aqui com o objetivo de futuramente, com objetivo de ter isso legalmente registrado no órgão competente. Então, se por acaso já estiver uma outra

instituição com esse nome, então a gente, é claro, vai ter que modificar. Mas atualmente eu referencio para aqueles que me procuram, que vem aqui como Casa-Museu Regional do Homem da Caatinga.

12) A partir de que momento você decidiu transformar este espaço doméstico em um espaço público?

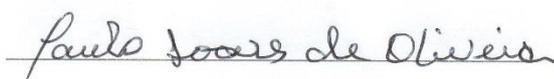
A princípio o objetivo não era criar um museu, eu nem pensava ainda nesta história de museu, mas quando eu cheguei aqui, quando eu adquiri esta casa, que cheguei aqui, que abri as portas e comecei a ver alguns artefatos, utensílios do seu proprietário original, então por ser uma figura muito interessante na comunidade, era um velho amigo, faleceu aos quase cem anos e era amigo de crianças, jovens, adultos contava muita história, eu me senti na obrigação de manter essa história viva. Chamava-se Lúcio Braga esse cidadão. Eu posso dizer hoje que tenho até uma certa tristeza de ter modificado alguma coisa, porque quando eu cheguei, a casa estava caindo. Tive que alterar algumas coisas, mas eu preservei o que foi possível. Então, a história da residência, da possível residência, um ambiente para o descanso aos fins de semana, passou a ser também algo prazeroso guardar essas antiguidades, e aí me foi surgindo a ideia, fui sendo influenciado a buscar outras peças e hoje nós guardamos um acervo que já se não nos basta, mas conta grande parte da história do nosso povo e a casa Lúcio Braga. Casa-museu Lúcio Braga pra mim é um orgulho, até porque ter conhecido Lúcio Braga só nos enche de orgulho.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, PAULO SOARES DE OLIVEIRA, CASADO,  
RG 421061, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 26/01/2020 e 24/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



(Assinatura do colaborador)

Entrevista realizada com a moradora Sofia Soares Vieira, no dia 16 de janeiro de 2020, em sua residência no Tingui, Município Água Branca/AL, às 16:15 da tarde.

Entrevistador: Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, tenho 26 anos. Sou moradora do Tingui. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistada: Meu nome é Sofia Soares Vieira, eu tenho 11 anos, sou moradora aqui do distrito Tingui faz 10 anos e vou para o 6º ano.

1) Há quanto tempo você mora no povoado Tingui?

Moro é... há 10 anos.

2) No seu entendimento, a casa-museu é importante para o povoado Tingui?

É e sempre será.

3) Qual foi a sua primeira impressão ao visitar a casa-museu?

Minha primeira impressão foi que eu gostei muito, de lembrar as coisas antigas.

4) Você tem sentimento de pertencimento com os utensílios da casa-museu, você se sente representado (a)?

Sim, um pouco. Por ver as coisas da casa de minha avó e ter lá.

5) Para você, a iniciativa de idealizar a casa/museu e investir em cultura foram essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade com o povoado Tingui?

Sim.

6) Você costuma fazer visitas a casa-museu?

Sim, eu gosto muito de ir lá e lembrar as coisas.

7) O que mais te chama atenção no acervo da casa-museu?

É... os moinhos, as jarras de antigamente, os chocalhos, as máquinas de costurar, os ferros e as fotos.

8) Qual objeto da casa-museu é mais representativo para você?

O moinho, que moi. Ele é de ferro e moi milho, e outras coisas para fazer... moi milho para fazer cuscuz.

9) Você acha importante valorizar a cultura local por meio da casa-museu, visto que a mesma é um bem patrimonial significativo?

Sim.

10) Sobre o idealizador da casa-museu, o que você tem a dizer sobre a iniciativa do mesmo em investir em cultura no povoado Tingui?

Bom, eu achei muito legal, para uma visão diferente das coisas de antigamente.

11) O que você tem a dizer as novas gerações que irão visitar a casa-museu no povoado Tingui?

Eu acho que eles vão se surpreender um pouco, porque tá vivendo esse mundo de modernidade de celular e chegar lá ter coisas de antigamente, essas coisas velhas e ter um pouco de mudança.

12) Você acha importante preservar a casa-museu? Se sim, por quê?

Sim é... porque é... Sim porque eu gosto de lembrar as coisas antigas, e eu acho que todo mundo gosta de ver aquelas fotografias e tudo mais.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Sajia Soares Lima, Salteira,  
CPF: 773.0927.634-01 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Sajia Soares Lima

(Assinatura do colaborador)

## **APÊNDICE 2 – SEGUNDA ENTREVISTA REALIZADA COM UM GRUPO DE MORADORES DO POVOADO TINGUI, REALIZADA EM MAIO DE 2020**

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistado: Meu nome é Júlio Feitosa de Oliveira, resido no povoado Tingui, município de Água Branca, sou conculinte do ensino médio integral, tenho 18 anos.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

O acervo da casa-museu me representa, sim muito. Porque remete é... a vida das pessoas, de gerações passadas, que é... residiam aqui no Tingui e na região, afinal, museu regional. É, e contém peças né? Dessas pessoas, então passa também uma questão de pertencimento, né? Por ser pessoas e até mesmo de alguns parentes né próximos, que contém peças lá. E assim, é... antigamente quando a gente ia na casa de tios, tias, e a gente via algumas peças, algumas fotografias, e ficava aquele questionamento como era a vida dessas pessoas, de que maneira elas viviam e hoje a gente tem é... essas peças no museu, né? Em um acervo maior e que a gente pode ir lá desfrutar e observar com mais gosto as peças das pessoas da região.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

Bom, eu tenho é... por muitas peças do acervo do museu um sentimento de pertencimento, como eu falei anteriormente. Mas, também é sentimentalismo né? Por ser fotografias, por ser peças que pertenceram a outras pessoas e justamente por é... fazer uma conexão com essas pessoas que fizeram um bem enorme para a formação da comunidade. É... então eu acho que as fotografias são para mim de maior valor sentimental, por essas questões. Remetem boas lembranças, é... de avós que falavam muito de seus bisavós, de seus parentes, de familiares próximos e isso pra mim é de fato, as peças de grande valor, são as fotografias. E o que desperta de fato a minha curiosidade era também a forma da vida que eles levavam, mesmo sendo é... pessoas é da roça, pessoas trabalhadoras, guerreiras, elas trazem. É perceptível, que a gente vê seus traços, seus traços de sofrimentos nas fotografias, mas também traços de lutas, pra sobreviver, pra levar sua família em tempos difíceis. E a gente quando realmente observa as fotografias, quando você vai com um olhar mais crítico, vamos dizer assim, um olhar mais de análise, a gente é... consegue observar esses detalhes. Então, isso instiga muito minha curiosidade, que a maneira de saber como eles realmente viviam e levavam a vida.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

Pra mim em especial, né, são as fotografias. Porque é... remetem mais uma vez esses registros de vivência, né? Em especial, porque traz registros de pessoas que viveram em outras épocas né? Pessoas que são até parentes meus até, e justamente pra mim tem um valor de agregação maior. Quando eu olho eu consigo identificar e me representar, me encontrar mais naqueles traços.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Sim já participei de atividades, como, é... como amostras culturais e também exposições. Assim como também ouvi outras pessoas falarem de eventos organizados como cavalgadas e como também o lançamento do próprio livro do Paulo Soares, que é o idealizador do museu. Então foram eventos que movimentaram a comunidade, muita gente falando que ia participar e é bacana, né? Ao mesmo tempo participa do evento, assim como também visita o museu.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Sim, porque ali está localizado um acervo de materiais, né? De valor material e imaterial e resquícios de vidas de pessoas. Como podemos ver que lá é um bom espaço de conhecimento, de busca do conhecimento? Através de exposições e das características que são descobertas através das amostras. Então sim, eu considero muito como uma fonte de busca de conhecimento.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Sobre essa questão, é válido ressaltar, que é muito importante o uso da tecnologia, independente de qual ferramenta de comunicação, é indispensável. Porque é... ao mesmo tempo que é divulgado e pessoas que ainda não conhecem o museu e conseguem ter acesso àquele acervo, aquelas imagens, aquelas peças, elas se sentem curiosas e vai procurar. Então, a internet impulsiona e ao mesmo tempo aproxima as pessoas desse tesouro que é o museu e esse resguardo de história fica mais vivo.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Julio Fatoza de Oliveira, paterno,  
RG 3984986-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Julio Fatoza de Oliveira

(Assinatura do colaborador)

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistada: Eu sou Maria Sandes Lima do Nascimento, casada. Moro no Tingui, município de Água Branca, estado de Alagoas. Tenho 70 anos, sou aposentada e sou dona de casa.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

Porque tem coisas da minha infância que a nova geração não alcançou. Tem objeto, como as peças da casa de farinha, que representa para mim as mais belas lembranças. Vejo ainda o meu avô Lúcio sorrindo, minha madrasta cevando mandioca, cantando e dizendo piadas, isso representa muito para mim.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

Sinto muita saudade, principalmente vendo as fotos dos meus familiares, especialmente a foto do meu avô Lúcio Braga. Saudades e lembranças de tanta coisa que vivi ali, vejo minhas amigas brincando correndo, minha avó Maria Joaquina mandando a gente parar de brincar, tudo isso me traz grande saudade. O que desperta a minha curiosidade é ver a casa do meu avô reformada e transformada numa coisa tão importante para nossa comunidade.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

A foto do meu avô Lúcio Braga significa para mim uma grande lembrança, e o jumentinho feito de madeira pelo artesão Paulo Soares, o atual dono da casa, significa para mim um cavalinho que meu avô tinha e me carregava na garupa para a missa em Água Branca.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Sim, presenciei, participei do lançamento do livro o grito da caatinga do autor Paulo Soares no ano de 2016.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Sim, lá os jovens buscam conhecimentos para estudo, é uma joia preciosa.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Acho importante porque aproxima as pessoas pela rede social, quem mora distante participa, sabe e vê tudo o que está se passando.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Sandes Leina do Nascimento, casada,  
RG: 1285639, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Sandes Leina do Nascimento

(Assinatura do colaborador)

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistada: Eu sou Maria Soares de Oliveira, tenho 63 anos, sou moradora aqui do Povoado Tingui, aposentada, estudei até a quarta série.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

Me representa, pois é algo muito importante. Me faz lembrar da minha infância, adolescência, sempre participava das farinhada na casa que hoje é museu.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

Me sinto bem, pois é um ambiente tranquilo como muita coisa pra ser observada. As foto, pois sempre me chamam atenção.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

As peças da casa-museu me representam através das boas lembranças da minha infância, mocidade, principalmente as fotos, pois tem muito o que observar. São fotos de pessoas que fizeram parte da nossa história, e me sinto muito bem lá, até a localização é agradável, muitas árvores, plantas enfeitam o local.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Sim, o lançamento do livro o grito da caatinga, a cavalgada cultural, luau. Sempre que há eventos eu participo.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Sim, tem poemas, obras de artes peças antigas livros, é um lugar de aprendizado.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Muito importante, através dessa tecnologia o museu hoje está muito conhecido e muitas pessoas hoje vem visitar.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Soares de Oliveira, Casada,  
RJ: 1137139, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Soares de Oliveira.

(Assinatura do colaborador)

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistada: Meu nome é Maria Vieira de Oliveira, sou moradora daqui do povoado Tingui, Água Branca Alagoas.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

Me representa, porque foram coisas que a gente é... viveu na infância. Que vi na casa da minha avó, da minha mãe, coisas que eu presenciei e hoje em dia não tem mais e a gente poder ver isso no museu.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

O que me desperta... eu sinto um sentimento bom, de voltar atrás, ao passado. O que desperta a minha curiosidade é as fotos que lá tão estampada, pessoas que já faleceram, que a gente só conhecia por nome e poder ta vendo essas fotos, e conhecer através da foto quem era.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

Eu tenho a dizer sobre ele que é importante. Pras pessoas que já viveram isso e pra nova geração que não conhecia e hoje tão conhecendo, com essa oportunidade que o museu deu. E sobre o objeto representativo, pra mim, entre tantos, o pote de barro, que era onde... a única forma que as pessoas bebiam água, inclusive eu e a minha família antigamente, então isso me remete a infância.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Sim presenciei a cavalgada cultural, onde lá pude ver não só as pessoas da comunidade, de outras comunidades se encantando com o espaço, e como o dono do espaço, e todos seus familiares são muito receptivo, isso se tornou um lugar muito acolhedor, se tornou um lugar de passeio pras pessoas.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Sim, porque mesmo a gente vivendo nesse mundo tecnológico de hoje, as crianças precisa entender o que foi vivido pelos seus avós, pelos seus pais, pelos seus bisavós, acho muito importante.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Acho de extrema importância, porque mesmo que... foi uma que não se falava em tecnologia, tinha rádio, nem tinha televisão, hoje é essencial juntarem as duas coisas. Porque informação

hoje e a tecnologia também tem que andar junto com o passado. E porque também ajuda na questão da divulgação do espaço, pessoas que de outros lugares às vezes conhece o museu e se encanta de ver foto pela internet, pelo instagram, isso é importante.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Vieira d. Oliveira, solteira,  
RG: 1.976.875, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Vieira d. Oliveira.

(Assinatura do colaborador)

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistada: Eu sou Nívia Maria de Oliveira da Silva, residente do povoado Tingui, eu tenho 28 anos, sou estudante do curso de História do Campus da Ufal Delmiro, e no momento sou só estudante mesmo.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

As peças me representam porque elas são símbolos de outra época né, muita das peças encontradas na casa-museu eu cresci ouvindo meus avós falarem.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

É... quando eu olho as peças eu sinto que elas falam também e isso me causa curiosidade. Por exemplo, as fotos em preto e branco mostram pessoas queridas, né? Que já partiram, que eram parentes, já as fotografias elas sempre me... me emocionam, né. Já as artes em madeiras mortas ou até mesmo as artes plásticas, né, elas me chamam muita atenção lá na casa museu, pela sua beleza e equilíbrio retratado na imagem, eu acho muito bacana. E os frasquinho de perfume, eles me instigam a pensar sobre quem os usou, onde os comprou, se era cheiroso. E outra coisa que eu gosto bastante são as máquinas de digitar, né, porque elas representam pra mim o progresso, né? Que elas foram na época delas.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

O que eu tenho a dizer é que para mim, dentre de todos os objetos encontrados na casa-museu é... as fotografias elas são mais significativas para mim, né? Porque elas mostram imagens de pessoas felizes, é... e eu acho que ambas ao tirarem os retratos naquela época, tiravam com suas melhores roupas, né? E colocavam a melhor pose que elas tinham, isso é muito interessante, é muito bonito de ver.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Nunca participei de nenhuma atividade cultural, mas eu sempre soube quando tinha eventos.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Sim, porque é um lugar pra pesquisa e estudo.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Eu acho que quanto mais a casa-museu for ganhando espaço nas mídias sociais e culturais, melhor será para a publicidade do local.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Nívia Maria de Oliveira de Silva, Solteira,  
RG: 3386941-3, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 14/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Nívia Maria de Oliveira de Silva

(Assinatura do colaborador)

## QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA O PROPRIETÁRIO DA CASA-MUSEU NO POVOADO TINGUI

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 24 de mai. 2020.

Entrevistado: Eu sou Paulo Soares de Oliveira, sou nascido aqui na comunidade Tingui, morei aqui até os 22 anos ou seja até 1977, atualmente resido em Delmiro Gouveia/AL, e geralmente fico os fins de semana aqui na comunidade Tingui.

1) Na casa-museu são desenvolvidas atividades culturais visando o público? Se sim, quais?

Sim, já foram desenvolvidas várias atividades, tipo, cavalgada ambiental; pelo dia da criança geralmente se reúne aqui as crianças da comunidade; houve também quebra-potes; grupos de oração; algumas atividades culturais como luau e por ai vai.

2) Para você, quais são as peças que mais representam a cultura local e regional?

Nós temos aqui... temos esse artefato que é a prensa de casa de farinha, é uma peça que não serviu só a comunidade, mas é uma peça que se multiplica pela região. Quantas casa de farinha tenha lá vai estar uma prensa dessas. Senão dessa versão porque eu diria essa é uma das mais antigas, né? Mas, tem outras formas de prensar a massa da mandioca que terá a mesma função dessa daqui. Nós temos também uma outra peça aqui, que eu julgo muito importante, porque ela fez parte da história não só dos mais antigos da nossa comunidade, mas também regional, que é o pilão, o famoso pilão. Nós temos também o pote de barro ou aqueles mais ampliados que chamam de jarra, né? Que tem uma história muito presente com as comunidades regionais, né? Eu diria que não só pelo fato de armazenar a água, que ela tem esse valor, mas ela tem um valor simbólico. A forma, a história das várias comunidades no seu uso, a forma de uso nas várias comunidades, como por exemplo, além do armazenamento da água, muitas serviam também para armazenar é... coco de ouricuri, armazenar farinha, armazenar açúcar, armazenar tantas outras coisas, farinha da mandioca e também é... pra botar a raiz de mandioca pra pubar, famosa mandioca puba pra fazer bolo, pra fazer mingau etc, etc. Tem também alguns artesanatos que falam da nossa cultura, da nossa região, como por exemplo, a caçadora, que é uma escultura de madeira de imburana, onde a mulher está grávida, próximo a ganhar neném, e se vê obrigada, não sei se pela necessidade de alimentar a família, mas pela cultura, ela pega um cachorrinho e sai pro campo caçar. Então, essa escultura ela representa muito bem a história regional do nosso povo, das mulheres batalhadoras das épocas passadas, hoje talvez não se faça

mais isso, pelo menos aqui na nossa região, mas no passado era comum as mulheres caçarem e várias outras atividades que eram feitas pelas mulheres.

3) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Bem, esse foi o objetivo da criação da casa-museu, reaproximar a comunidade e os visitantes com o passado, né? Então, a partir do momento que você vem aqui conhece o nosso acervo, um acervo rico em história das comunidades antigas, é claro que você vai adquirir mais conhecimentos. Isso acredito que atinja, que seja um dos objetivos da montagem dessa casa.

4) O que você tem a dizer sobre o uso da tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Bom, a tecnologia ela encurta caminhos, né? São tantas pessoas que moram longe, bem distante desse nosso país, que acaba tomando conhecimento de que ainda existe peças que foram do seu cotidiano enquanto criança. Então, só a tecnologia é capaz de fazer, de trazer esse papel tão importante que é levar informações e encurtar a comunicação. Eu acho que o museu ganha muito com isso, apesar de não ter é... um vínculo oficial ainda, mas ele já está bastante conhecido pelo fato do uso da mídia tecnológica.

5) Como é dividida a estrutura da casa-museu, ela também funciona como local de lazer?

Bem, o espaço aqui, espaço físico são oito cômodos, onde estão distribuídos as peças do museu em todos os cômodos. Tem duas salas que tem um acervo maior, os demais estão nos cômodos que são de uso fruto da família, né? Ainda são móveis é... e outros artefatos que servem, como camas, os potes de barro que apesar de serem antigos ainda estão em perfeita condição de uso e ainda são utilizados por nós, quando aqui chegamos, geralmente aos fins de semana. Agora que estamos atravessando um período chuvoso, as visitas que eram mais frequentes cessaram um pouco, esperamos que lá pra setembro quando enxuga mais o tempo, né? Retornemos com as visitas e aí as nossas atividades, como eu já falei antes, terão o seu curso normal, retomaremos toda a atividades da casa-museu, assim a gente espera, que possamos dar o seu objetivo planejado.

6) Como foi feita a seleção das peças quando adquiridas, você já sabia o que queria?

A princípio eu não tinha um acervo definido, eu queria apenas guardar algo que retratasse a história, que contasse a história não só da comunidade, mas da região. Quando eu aqui cheguei na casa já encontrei algumas peças como é a casa de farinha, com a prensa, com os cochos e outras peças que lhe era inerente. Nisso me incentivou a buscar outras coisas, como a história do algodão, a história o vaqueiro, a história da mandioca, da renda e outras coisas. Com isso eu fui melhorando a busca e selecionando melhor, porque tinha... eu nem esperava encontrar tanta coisa como eu tenho hoje guardada, mas, com isso pela quantidade encontrada eu fui obrigado

a selecionar as peças em melhor estado, né? Quando eu encontrava duas peças, três peças eu escolhia a mais preservada, então assim foi crescendo o interesse e até hoje, apesar de não ter sido programado no início, mas até hoje eu ainda busco alguma peça que nos falta no acervo e complete a história do nosso povo.

7) A casa-museu recebe algum auxílio para manutenção?

Sabemos que a maioria das casas-museu por aí afora tem, de certa forma o subsídio dos poderes públicos, mas a nossa casa-museu ainda não é oficializada e por essa razão eu não posso dispor desse recurso. Portanto, isso não nos impede de mantê-la aberta, até pelo fato do prazer que a gente sente em atrair as pessoas para a história dos antepassados, né? Ela é mantida pelo esforço da própria família, voluntariamente a minha esposa, os meus filhos nos ajuda, os próprios parentes até, também veem aqui nos momentos de evento e a gente dá a manutenção. Tem também alguns amigos que é muito simpático ao espaço, ao projeto, e também vem aqui e colabora nos momentos que antecedem os eventos etc, etc. Então dá pra se manter desse jeito, por enquanto.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Paulo Soares de Oliveira, Casado,  
RG 421061, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 26/01/2020 e 24/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Paulo Soares de Oliveira

(Assinatura do colaborador)

Meu nome é Emília Carolina Gomes Oliveira, sou graduanda do curso de História licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E estou fazendo essa pesquisa para complementar a pesquisa feita anteriormente. Realizada em: 23 de mai. 2020.

Entrevistada: Meu nome é Sofia Soares Vieira, eu estudo e tenho 11 anos. Moro no povoado Tingui.

1) Por que as peças da casa-museu te representam?

É... porque tem bastante cultura. Tem peças que representam o tempo dos meus avós, dos meus pais e me representam porque faz parte da cultura que é do meu lugar.

2) O que você sente ao observar o acervo, o que desperta a sua curiosidade?

É... desperta a minha curiosidade porque eu acho bastante interessante, porque é de antigamente. E... eu acho muito interessante também os chocalhos, porque vejo meu pai usando nas vacas, e as jarras porque são bem diferentes de hoje em dia. Também outra coisa que eu presto muita atenção são as máquinas de costuras, porque são bem diferentes de hoje em dia. É... outra coisa também, eu acho é... os ferros, que minha vó dizia que era difícil de passar as roupas e as fotos do museu que representam parentes e meus falecidos.

3) Sobre os objetos representativos, o que você tem a dizer sobre eles, por que esses objetos são significativos para você?

Assim, eu acho que muitas coisas são representativas e principalmente os moinhos, porque não é do meu tempo e sim de outra época.

4) Você já participou ou presenciou alguma atividade cultural desenvolvida na casa-museu? Se sim, qual?

Sim, que foi bem legal, que foi na cavalgada cultural, e era um dia festivo.

5) Você considera a casa-museu um espaço para a busca de conhecimento?

Acho sim, é bastante educativo.

6) O que você acha sobre o uso de tecnologia da informação na divulgação da casa-museu?

Eu acho bastante importante, porque ajuda da divulgação pela internet, fotos e vídeos, além de outras coisas.

Povoado Tingui – Água Branca/Alagoas

Destinatário,

Eu, Sajia Soares Lima, Salteira,  
CPF: 713.0927.634-01 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de  
minhas entrevistas, gravadas em 16/01/2020 e 23/05/2020, para Emília Carolina Gomes  
Oliveira usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,  
desde as presentes datas. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Sajia Soares Lima

(Assinatura do colaborador)